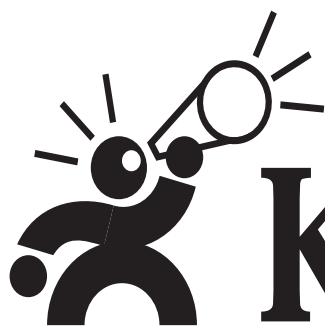




קול השומר KOL HASHOMER

Número 2 Ano 1

Janeiro - Fevereiro 2000

Editorial

Aizik Berner
Beyajad, México

O número dois. Na maioria dos casos, é mais complicado continuar o trabalho já iniciado do que começá-lo em um princípio. Me complace ter chegado a segunda publicação desta revista, e se tomamos em conta a quantidade de artigos que recebemos, não tenho dúvida de que seguiremos trabalhando por muito tempo.

Nesta revista encontrarão artigos de grande interesse, tratando diferentes temas, todos de grande relevância em nossa vida tnuati e judia. Além disso, contamos com a participação de um maior número de kenim.

Esperamos seguir com este ritmo de participação e começar a ver textos escritos por chanichim, afinal, esta é a revista de todos os shomrim. Por meio de Kol Hashomer, podemos manter uma comunicação cada vez mais cotidiana conseguindo assim integrar nossas atividades locais em um contexto global.

O ano que começa agora será um ano de grandes mudanças e de feitos sumamente importantes. No último dezembro, se reiniciaram as esperadas negociações com a Síria para chegar a um acordo de paz permanente. Além disso, se espera chegar, no princípio do ano, a uma definição nas negociações finais com a Palestina; e se Barak cumprir com sua promessa de campanha, na metade do ano podemos esperar uma retirada do Líbano. Tudo isso sem ignorar os procesos que acontecem nos diferentes partidos, eleições presidenciais e mudanças no governo em alguns e mudanças ainda mais radicais e preocupantes em outros lugares onde

vivemos.

Como membros de um movimento de vanguardia, devemos manter-nos informados de todos estes fatos e estar prontos para reagir da maneira correta. Kol Hashomer é o meio pelo qual, entre outras coisas, podemos manter-nos interados de como se desenvolvem estas mudanças nos diferentes lugares e a influência que têm no Hashomer Hatzair.

Lhes convido a participarem desta revista, que é de vocês; usem-na como um fórum aberto no qual podem expressar suas idéias e preocupações. Estaremos esperando seus textos para, com prazer, publicar-los.

Beyajad Achshav, Beyajad Tamid.
Chazak Ve'ematz.



Fundamentalismo Religioso

por Sergio Nedal
Brazil

Às vezes nos pegamos festejando Chanucá e jejuando em memória da Destruição do Segundo Templo, ou brigando com alguém que torce para outro time. Segundo Ben Gurion, era possível deixar os religiosos ortodoxos em paz em Israel, afinal eles eram apenas 1.500 em 48. Hoje eles são uma força decisiva na política israelense. Diversos aspectos estão embutidos na questão do extremismo e do fanatismo religioso: recessão econômica mundial, exclusão social, violência familiar, medo, privação, abuso sexual, direitos civis e das mulheres, liberdade de expressão

do povo. São temas difíceis de serem analisados rapidamente e friamente, mas vale refletir sobre eles.

O fundamentalismo religioso, disseminado por correntes do islamismo, aparece como tendência política global nos últimos 50 anos. Mais evidentemente a partir dos anos 70, após o Setembro Negro, e principalmente após a derrubada do regime do Xa do Irã. Os petrodólares foram para as mãos dos Mujahedin. O regime fundamentalista Iraniano e a guerra contra as ditaduras militares do Iraque e Líbia, fortaleceram as milícias e enfraqueceram a influência comunista russa na região. A ex-União Soviética, tinha satélites de culturas multifacetadas como Armênia, Afeganistão, Curdistão, Cazaquistão, Chechênia, Albânia. Assim como a Iugoslávia de Tito, conseguiu manter o mundo longe do fanatismo do islã, pelo menos enquanto duraram como potências comunistas. Pode se sentir uma expansão do crescimento do fundamentalismo para a Europa nos anos 80, após a queda do muro de Berlim, e por consequência o surgimento de facções xiitas na Europa e nos países árabes.

Mas o que isso tem a ver com os

Contenido

Editorial	1
Fundamentalismo Religioso	1
Shomrim, demos um passo, e foi para frente	2
Nosso semel, nossos símbolos e nosso judaísmo	3
Óculos de cores	4
Tochniot em Israel: realidade só para alguns	5
Café afuch, com dois de açúcar. Afiliação: Dois anos depois.	7

Kol Hashomer

Coordenador Geral:

Aizik Berner

Desenho Editorial:

Moises Kirsch

Tradutores:

*Renato Huarte
Charles E. Diesendruck*

Colaboradores:

*Rodrigo Remenik
Sergio Nedal
Jacobo Kirsch
Yoni Wapinsky
Roman Adaszko
Paola Mizrahi
Jony Chamma
Jack Gotlib*

Você pode enviar seus textos e reportagens, assim como comentários ao endereço eletrônico seguinte:

berner@iname.com

<http://latino.hashomer.org>

Kol Hashomer é uma publicação bimestral da Histadrut Hashomer Hatzair latino-americana. Todos os direitos reservados. O conteúdo dos artigos é de total responsabilidade dos autores dos mesmos. O conteúdo dos artigos pode ser reproduzido total ou parcialmente citando a fonte, mas deve ser avisado aos editores quando assim se faça.

Kol Hashomer, Monterrey N.L. México. 1 de Janeiro do 2000.



Judeus? O assunto é bem complexo se analisado do ponto de vista unilateral da comunidade judaica mundial. Afinal sempre tivemos nossos fanáticos macabeus e templários suicidas da História. Para alguns, a religião pode representar todas as respostas, códigos a serem seguidos e que são inquestionáveis, pois garantem a paz de espírito e asseguram o reino dos céus. Estão prontas e é só você segui-las, tudo se resolverá. Mas e os que são diferentes, os que tem personalidade, criatividade, alma, gênio, diferente e se recusa a seguir as leis bíblicas ou Talmúdicas ou do Corão? A luz da nossa própria História ajuda a explicar o fanatismo racial, religioso e político. Os massacres estão aí acumulados ao longo de séculos. O ódio continua. É o que se vê nas manchetes dos jornais.

Queria fazer uma observação um tanto particular com relação ao judaísmo ortodoxo e fundamentalista e a discussão específica da kviá-datit em Israel: são apenas cinquenta anos de reunificação de um povo, uma nação que esteve na diáspora total, porém manteve-se acesa como nação, durante milhares de anos, sem dúvida graças ao método de educação pelo livro e pelas sagradas escrituras. Eles tem esse „kavod. O problema está nas traduções (provavelmente coisa de grego). e no fato de nós judeus termos inventado coisa bem melhor do que o fundamentalismo: o socialismo!

Chazak Veematz!



Shomrim, demos um passo, e foi para frente

*Charles E. Diesendruck
Boguer Alya Kibutz Nir-Ytzchak
Ken São Paulo*

Nos dias 3 a 7 de dezembro, numa cidadezinha pequena ao norte do Neguev chamada Dimona, jovens de todo o mundo, representando diversos movimentos juvenis, reuniram-se para

debater o sionismo hoje. Bem, eu esperava um belo debate sobre o pós-sionismo, a aliá, o que dizia Hertzl etc., mas ao contrário disso, o congresso assumiu uma definição de sionismo como a de luta pela continuidade do judaísmo, tanto em Israel quanto na diáspora. Foram feitos mil e um projetos considerados “práticos” e deixou-se de lado a parte teórica. Fizeram comitê de tnuot, comitê para pequenas comunidades, comitê para assimilação, comitê para anti-semitismo, comitê para juntar dinheiro, comitê para ver os problemas da organização sionista, comitê para saber se o joãozinho da esquina foi assaltado as 10 ou 11 da noite. Enfim, muito prático... comitês para debater e fazer projetos para combater nossos problemas, só se esquecendo de que temos nossas vidas, que não funcionam na forma: 9 da manhã – comitê 1; 10 – comitê 7 e assim por diante.

Estivemos bem representados (e eu acho que os nomes devem ser citados). Começando do sul, Rodrigo do ken de Buenos Aires, Michel de Montevideo, Tatiana de São Paulo, Salo da Cidade do México; e nossos irmãos: Mati pelo Sionista do Paraná, Mauri pelo Beyajad e Gabriel e Aaron pelo Dor Jadash. Tudo isso reforçado pelos Olim: Beto (Dor Jadash) de Baram, Ilana (Dor Jadash) e Afro (Chile) de Gazit e eu (São Paulo) de Nir-Ytzchak. Todos nos encontramos lá, alguns vindos de Tel-Aviv, outros de Jerusalem... De qualquer forma, o primeiro que fizemos foi uma reunião, juntamente com os representantes do shomer de outros lugares: Noam (França), Leo (Italia) e Omri (EUA) e com o Maestro Dario. Dario trouxe uma folha com o que seriam as propostas do Hashomer Hatzair para o congresso. Eram poucas, e teóricas com exceção de uma, que aliás não passou. Beto, que já era presidente do congresso, logo nos ressaltou o caráter prático do congresso, o que aliás no final vimos como foi. Mas enfim, dentre as propostas, havia uma muito especial... Algo por que brigamos todos os dias, e que estava claro que se o congresso era um congresso que luta pelo pluralismo, o trabalho em conjunto,

teria que passar. E se passasse, por mais que traria tumultos, seria o primeiro grande passo para alcançar nosso maior objetivo hoje.

Eu considero que o maior objetivo do shomer hoje não é mandar gente para israel, mas lutar pelo reconhecimento de todos os judeus como judeus por sua identidade, e não pelo fato de serem de descendência judia, e assim, fazer com que a maior parte dos judeus, que são laicos, não se sintam discriminados por seu próprio povo e assim o abandonem. Em outras palavras, a assimilação já é grande por si própria... a discriminação que corre dentro do nosso povo contra os representantes das linhas mais distantes da religião só faz esse problema aumentar.

Nisso saímos para briga. Michel e Ilana no grupo de língua hebraica, eu e os europeus no de língua inglesa e o resto do de língua hispanica. Todos fazendo seus discursos na tentativa de liderar o grupo e convencê-los da necessidade de reconhecerem a todos os judeus como uma forma de pluralismo, e não de ideologia. Pluralismo é uma forma de agir, não de pensar.

Logo em uma de nossas primeiras reuniões, uma pessoa perguntou o que era mais importante, eleger Afro como presidente ou passar as nossas propostas. A resposta era óbvia, mas precisava ser falada. Não estávamos lá somente para por em prática coisas decididas, mas para decidir coisas para serem postas em prática. Bem, não se preocupem, conseguimos também eleger a Afro para presidente.

Resumindo, depois de alguns dias de convencimento nos grupos de línguas, começou o congresso em si. Fomos divididos em vaadot por temas a discutir. Para que uma proposta fosse votada no congresso, ela tinha que ser aprovada primeiramente pela vaadat. Eu e Mati (Sionista do Parana) fomos a uma vaadat chamada Comunidades, para debater todos os temas com isso ligados. Por ela passamos uma brilhante proposta feita pelo próprio Mati (uma proposta que não veio do shomer) sobre como atuar e reativar pequenas comunidades. Por aí

também passamos o reconhecimento do judaísmo livre-pensador laico como uma corrente de judaísmo, igual as linhas já reconhecidas: ortodoxa, reformista e conservadora; com o objetivo de assim diminuir as tensões que hoje existem nas comunidades entre ortodoxos e laicos. Num grupo quase exclusivamente latino-americano, foi fácil passar.

Bem, o congresso chegou. A proposta estava escrita, e foi lida na frente em voz alta. Foi dada a oportunidade para uma pessoa falar contra e uma a favor. Um integrante do Bnei Akiva falou contra, dizendo que a proposta não estava clara, e não que ele pessoalmente fosse contra, mas que não poderia votar a favor de algo que não sabia quais seriam as consequências práticas. Michel do Uruguay rebateu, falando a favor com um bonito discurso sobre o trabalho das comunidades laicas hoje no mundo.

Enfim, foi votado e aprovado. Não pelo que estava ali escrito, mas pelo sentimento comum que conseguimos passar dentro de nossos grupos por língua da necessidade de um maior pluralismo entre os judeus. Não houve mais debate antes da votação, e mesmo assim, mesmo mal explicado, grande parte das pessoas que ali estavam já conheciam a proposta, apoiavam, só tinham medo de propô-la.

Seguiu disso muita discussão e atitudes que não são dignas de ser aqui citadas. Mas isso não é meu objetivo aqui. O que eu quero dizer com esse relato longo e talvez chato, é que eu sinto muito orgulho de fazer parte do grupo que deu o primeiro passo para o nosso reconhecimento como judeus. Shomrim, demos o primeiro passo para que possamos criar e fortificar nossas comunidades judaicas laicas, sendo reconhecidas por outras. Logicamente ainda há um longo caminho pela frente. A dúvida que tinha o representante do Bnei Akiva, também a tenho. Qual vai ser o seguimento prático disso? Por mais que tenhamos agora o reconhecimento de muitas truot ao redor do mundo, falta o reconhecimento maior. Em 2 anos vamos estar no Congresso Sionista Mundial para brigar pelo reconhecimento

frente a todas as entidades judaicas do mundo. Depois disso, só falta ser reconhecido por Israel, pela Knesset. Pode parecer um sonho distante, mas o primeiro passo foi dado por jovens de 17 a 23 anos. Será que o que alguns jovens vêem os políticos não podem ver?

Chazak Ve'Ematz!



Nosso semel, nossos símbolos e nosso judaísmo

Rodrigo Remenik
Boguer Aliya Kibbutz Gazit
Ken Chile

Os símbolos são uma parte fundamental de nosso movimento, dão identidade e possibilitam aos chaverim menores a compreensão de conceitos abstratos como a igualdade e a solidariedade.

Os símbolos, sem excessão, são um limite para a racionalidade que presume nosso judaísmo. Me explico: os símbolos não podem ser construídos nem impostos por nenhuma pessoa (por mais poderosa que seja), por nenhuma racionalidade humana; se criam socialmente, em forma conjunta e histórica.

É aqui onde se encontra - para mim - a contradição central dentro de nosso judaísmo laico; é dizer: Como conjugamos nossas pretensões de fundar um judaísmo laico (basado na racionalidade e no sentido crítico, cuja missão principal é a resolução de problemas humanos do século XX) com a simbologia (que necessita de um movimento ou de uma comunidade para chegar a identidade e a identificação adequada, que está baseada na irracionalidade, na repetição e na não-criticidade)? Este problema se vê claramente em projetos como Bar(t)-mitzvá laico, ou mais cotidianamente na celebração das festas do calendário judaico.

É por esta contradição inata que é tão difícil a incorporação no nosso movimento de uma simbologia laica, que nos identifique e que encha nosso sentido crítico.

Um exemplo de resolução dessa contradição se encontra no nosso SEMEL, no nosso escudo. Nele se entrelaçam harmoniosamente a história e a irracionalidade (tanto a irracionalidade como a racionalidade não são boas ou más em si mesmas) dos símbolos judaicos, com o sentido crítico, a racionalidade e as necessidades de jovens do século XX.

Vejamos um a um os elementos que o compõem:

-A ESTRELA: a estrela de David, é um típico símbolo laico do judaísmo, um símbolo nacional surgido de dentro do Estado Judeu de David. A estrela foi utilizada nas guerras deste rei, e é por isso chamada em hebraico Maguen (escudo) David; qualquer interpretação religiosa deste emblema é uma desvirtuação (tirar virtudes e não acrescentar) da imagem e da história.

-A FLOR: a Flor de Lis é uma estilização do lírio. Ela tem uma história incrivelmente longa; foi encontrada em ruínas antiquíssimas e foi utilizada como símbolo da monarquia iluminista francesa dos Bourbons, mas a partir do final do século XIX vem sendo utilizada principalmente como símbolo

dos grupos escoteiros, e é nesse sentido que nós a utilizamos. Representa a vida natural e sana que deve ter todo shomer, longe dos vícios da sociedade consumista e inhumana.

-O LENÇO: O lenço pendurado abaixo do escudo, em hebraico é chamado Anivá (gravata); mas esta gravata não é a utilizada na cidade, senão é um simples pano enrolado, que não apresenta nenhuma elegância, mas seu poder está nas palavras que leva impressa: CHAZAK VE'EMATZ, força e valor, as que nos chamam ao trabalho e a rebeldia. Em décadas anteriores haviam distintas cores de Anivot, que simbolizavam as distintas fases em que se encontrava o chaver; assim o azul claro era entregada a kvutzá de tzofim, a azul escura a de tzofim-bogrim, preta a de bogrim e vermelha a kvutzá-garin (que vai fazer aliá).

Em termos gerais, a Anivá representa mais ou menos os mesmos valores que o Tilboshet, que é a Chultza Chula, ou seja, trabalho e igualdade; sem dúvida esta se vê reforçada pela frase impressa nela. Chazak Ve'Ematz, como indicamos anteriormente, é um produto de uma história nacional, que pouco tem a ver com a religião, mas que é um chamado a juventude a tomar a responsabilidade de ser a vanguardia do povo.

-AS RAMAS: as folhas que se encontram nas laterais da estrela são de oliveira e de videira. Ambas representam o sionismo e a proximidade à terra que ele significa.

A oliveira, cujo fruto é a azeitona, simboliza a Palestina e a ligação dos judeus com este solo, onde esta planta cresce quase espontaneamente. Também é símbolo do povo palestino, o que torna possível interpretar a oliveira como imagem da paz entre os dois povos, paz baseada no compartilhar um território comum. Este argumento é reforçado pela antiga história bíblica de Noé e sua Arca; depois do Dilúvio, Noé envia uma pomba (a pomba da paz) para buscar terra firme; a pomba volta com algumas folhas de oliveira. A oliveira representa a intenção de fundar esta nova terra baseada na paz, e é talvez

por isso que se encontra na esquerda de nosso semel.

A videira, cujo fruto é a uva, também simboliza a terra de Israel, mas sua história bíblica é bem posterior. Ocorre nos tempos de Moisés, quando os israelitas andavam pelo deserto, sem entrar na Palestina; então, Moisés envia doze espiões para fazer o reconhecimento da terra, de onde trazem um gigante chacho de uva. A videira e a uva são - também na antiga Grécia - símbolos de fertilidade e de alegria, e são o espírito que se tentou dar à causa colonizadora e ao cultivo da terra em Israel.

Dessa forma, analisando cada um dos elementos centrais de nosso escudo, vemos como se entrelaçam elementos de nossa história (Maguen David, Chazak Ve'Ematz), de nossos métodos (a Anivá e a Flor de Lis) e de nossos projetos (os ramos de oliveira e de videira) de uma forma laica, racional, crítica e de acordo as nossas necessidades como jovens do século XX, sem cair em religiosismo de nenhum tipo.

A grande virtude de nosso Semel é ter alcançado esta junção de tal maneira que sua perpetuidade na prática (que é o mais importante) nos segue chamando e identificando a jovens de todas as latitudes do mundo e ao largo de várias gerações por mais de 80 anos.

Este deve ser o objetivo e o exemplo de nosso judaísmo, um judaísmo que se projete pro futuro e que, em seu tempo, se funde em nossas verdades.



Óculos de cores

Renato Huarte Cuéllar
Ken Mordejai Anilevich, México

Já quase próximo de meu Bar Mitzvá na tnuá e me ponho a reflexionar sobre muitas coisas. Quando era criança, via aos bogrim como gente muito grande. Agora aos meus treze anos de Hashomer Hatzair, me ponho a pensar o que seria de minha vida se não houvera entrado nesse "clube" a que ia meu

A esquerda de baixo

Jacobo Kirsch
Ex boguer Beyajad

Para ser grande, sê inteiro

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

Ricardo Reis, 14-2-1933

primo e que foi meu tio, onde havia crianças de minha idade. Talvez não teria um marco judaico onde me desenvolver. Talvez nunca haveria sabido quem foi Dreyfuss ou porque o 29 de novembro é importante. Mas o mais importante para mim, é que estive formulando, pouco a pouco, algo que nosso último sheliach descobriu exatamente com um exemplo que vem sido meu favorito desde que o escuto. Imaginem que, ao entrar em uma tnuá, cada membro ganha um par de óculos de uma cor. Suponhamos que no Bnei Akiva dão uns com lentes de cor amarela e no Shomer nos dão uns de cor verde (pensavam que ia ser rosa ... não precisamente). Com esses óculos, se pode ver tudo nesse tom. Se alguém está dando peulá, claro que tudo emite uma linda cor verde. Israel cor verde e o problema palestino em cor verde e as relações do homem com o dinheiro em cor verde (ha ha, não precisamente em dólares). Mas quando alguém sai da tnuá e traz os óculos bem postos, não os deixa na gaveta guardados até a próxima vez que lhe ocorra passar por ali. Ele, sem se dar conta, os segue usando. Toda a vida ao seu redor começa a ver-se com essa mesma tonalidade. Se está em

uma partida de futebol ou voltando pra casa de metro; tudo tem uma lógica que corresponde a uma maneira de pensar. Ao que me refiro é que se começa a ser congruente e que se, segundo isso, “o Shomer ama a natureza, cuida dela e sabe viver em convívio com ela”, e eu vejo que uma sehora atira um objeto dispensável (obviamente quando lhe passa a ser dispensável) pela janela do carro e eu tenho a oportunidade de dizer-lhe algo, não vou ficar calado.

Ser ideológico não é saber recitar a Borocho ou a Marx de cor, mas está nas pequenas coisas da vida. Começando por combater a indiferença, por exemplo, e isso é ainda muito teórico. Não ser indiferente é parar pra ler a primeira página do jornal ou perguntar a alguém como foi tudo no dia anterior. Enfim, posso soltar muitas palavras, mas até que alguém não sinta essas pequenas coisas, as palavras seguirão nos livros

Concluindo, cada um de nós escolhe usar óculos ou não, mas a diferença é adoutrinamento, se alguém não usa óculos com marca “Tnuot Noar”, usa uns com marca “Centro Comercial”. O ponto é que todo ser humano usa suas

prismas o que em poucas palavras é educação.



Tochniot em israel: realidade só para alguns

*Roman Adaszko
ex-boguer Hashomer Hatzair Argentina*

Seja na Argentina, Espanha, EUA, Chile, Uruguay, Brasil, Inglaterra ou qualquer outro país no mundo, as Tochniot em Israel estão acabando com o sonho de alguns de nossos chaverim. Esta referência a “Tochniot em Israel” não é referente ao nome mas ao seu valor econômico.

Há mais de 50 anos que, como judeus, temos um maravilhoso estado no qual podemos desenvolver nossas almas como indivíduos e em grupo. Durante décadas tivemos as fantásticas opções da Sochnut Mundial e Kibutz Artzi, e outros, de poder realizar viagens incríveis, fantásticas e emocionantes a Eretz Israel. Durante estes longos e

Anuncio Local de tu Ken

grandes anos tivemos a possibilidade de mandar milhares de chaverim de todo o mundo a distintas tochniot em Israel: Tapuz, Machon Le Madrichim, Machon Etgar, Tochniot no Exército, e muitas mais, das mais variadas diferenças em duração, lugares e objetivos.

Atualmente, 2000, encontramos todos os movimentos juvenis do mundo, não só o shomer, frente a um fenômeno que nos impede de realizar o sonho de todo judeu de conhecer Jerusalem, o Kibutz, Tel – Aviv... Com um valor totalmente absurdo, ridículo e até impossível para muitos, vemos que o chaver que tem em mente viajar a um desses planos se encontra em estado de “shock” ao escutar cifras enormes, as quais comparadas ante a situação econômica pessoal desse chaver (nós mesmo) é impossível cubrir.

O que está acontecendo? Como pagamos este número? Chaverim de todo o mundo: México, Venezuela, França, Brasil, Argentina, etc. O que aconteceu com a importância que existia para Israel e para o Kibutz nossa ida a Israel? Que resposta temos de nossos shlichim para essa mudança de planos? Que shlichim estão enviando? Onde estão nossos shlichim? O que podemos fazer em uma situação econômica espantosa? Em que nos podia ajudar a Sochnut frente a uma tochnit em Israel? O que faz agora a Sochnut frente a uma tochnit de mais de 5.000 dólares? O que faz a Sochnut em países de terceiro mundo onde a moeda esta super desvalorizada, o que faz com que o valor das viagens seja exatamente o dobro

do normal? O que era a Sochnut? Que caralho é hoje a Sochnut? Como nos ajuda o Kibutz Artzi neste tipo de viagens impossíveis?

Quem sou eu? Me chamo Griego, 22 anos, vivo no Brasil, sou Argentino, viajei a Israel em 1996, pela Tochnit Machon Le Madrichim: 6 meses em Kibutzim e 4 no Machon em Jersulém. Comentário com respeito a Tochnit: Foi a melhor, mais fantástica e inesquecível que me aconteceu na vida.

Não sei o que dizer a chanichim que me dizem: “Griego, não posso pagar a tochnit porque não tenho dinheiro”, ou “não tenho o suficiente”, ou “quase chegou, mas me disseram que já não tem mais descontos”, ou “já não dão mais descontos”, ou “não me quiseram dar desconto porque dizem que meus pais tem dinheiro”... ou simplesmente escuto: “chaverim, acabaram os descontos”...

O que fazemos agora? Não é hora de ficarmos sentados escutando este tipo de simples explicações. Sei que muitos de vocês tem a oportunidade, por diferentes motivos, de pagar alguma dessas viagens a Israel; mas muitas outras pessoas, chaverim de nossa tnuá, estão totalmente impossibilitados de fazer-lo. No shomer da Argentina, a tnuá sempre funcionou de uma forma muito democrática e solidária, sobre tudo nas ocasiões que algum chaver precisava de dinheiro, tanto para umas dessas tochniot ou para uma machané.

O que seria lindo? Eu gostaria de escutar a notícia de que todos os kenim

do shomer no mundo estão dando as mãos para ajudar-se mutuamente. Amaria saber que a Sochnut voltou a dar descontos como antigamente (O que acontece? Se cansaram de receber olim? Ou estão chegando poucos? Ou simplesmente pensam que as tnuot não são mais “negócio”?) Adoraria saber que o Kibutz Artzi briga duro a favor de conseguir-nos descontos para essas viagens (O que acontece? Não necessitam mais chaverim para trabalhar no kibutz? Ou as coisas estão tão mal que realmente não tem um tostão para pagar nada disso? Não precisam de nós? Não fomos nós que, durante décadas, trabalhamos a terra de Israel?)

O que recebemos? Como estamos vendo, cada vez é menor o interesse das entidades israelís com as entidades na diáspora. Cada vez há menos shlichim, cada vez há menos descontos para tochniot. As tnuot estão muito mal, perdendo conteúdo e ideologia, e não há ninguém verdadeiramente capacitado para dar-nos uma mão desde Eretz. Tudo está se transformando de “movimento judeu” em “.....judeu”.

O que fazemos? Como velhos chalutzim e verdadeiros shomrim, temos que sentar-nos e pensar o que é que queremos hoje da nossa tnuá e ver de que forma lutar contra valores absurdos que nos impõem ano trás ano. Como não deixar-nos convencer tão fácil com argumentos tão simples. Como levantar-nos e gritar Chazak Ve'Ematz e fazer entender quanto necessitamos capacitar-nos nessas



viagens tão importantes. Como não nos fazemos de surdos quando outro chaver precisa de dinheiro: lutar não só por ele senão também pela tnuá. Como fechar os ouvidos a argumentos repetitivos que estamos acostumados a escutar. E ter algo claro na mente: Exigir, não explicações e sim fatos concretos.



Café afuch, com dois de açúcar. Afiliação: Dois anos depois.

*Yoni Wapinsky
Beyajad, Monterrey*

“Algum de vocês pode me explicar como esta esse negócio de afiliação? O que é isso de Hashomer Hatzair? Vocês vão converter-se em anti-religiosos?” Estes são alguns exemplos de perguntas que nos faziam e que nos fazíamos, apenas dois anos atrás, quando decidimos afiliar-nos ao Shomer. Era óbvio que não tínhamos muito apoio, e que alguns não gostaram da idéia de que formemos parte de um entorno maior como é a família shômrica a nível mundial.

Hoje em dia, existem razões para afirmar que as coisas mudaram. Depois do último encontro, moatzá artzi, hanagá helionit, peguishá tnuati, (ou como queiram chamar a essa formidável reunião que tivemos no México, entre os bogrim do Shomer, Dor Jadash e Beyajad) se pode constatar o começo de uma nova etapa na afiliação. O simples fato de que reencontramos chaverim das últimas duas Hachsharot foi suficiente para desencadear o idealismo pós-hachshará, que daria como resultado a pronúncia de propostas concretas. Falo isso sem menosprezar o esforço realizado pelos bogrim e jovens que estiveram presentes. Já verão que, dentro poucos anos, vai acontecer a vocês essa etapa modesta na sua vida dentro da tnuá.

Um dos fatos que pessoalmente me comoveu e me reafirmaram o verdadeiro

significado da afiliação foi durante o Shnat Hachshará. Me deram o cargo de representante do Shomer no congresso sionista juvenil na Basileia, quando se comemoravam cem anos de Sionismo. Além de ser uma experiência sumamente interessante, o simples fato de poder sentar-me em um fórum e ter a oportunidade de expressar minha opinião ante representantes de outros movimentos juvenis judaicos de todo mundo, foi verdadeiramente excepcional. Isso aconteceu comigo, e tenho certeza de que outros bogrim Hachshará também tem tido experiencias similares nesses últimos dois anos; o melhor é que ainda tem muitas Hachsharot pela frente. Esta é sem duvida uma das maiores vantagens que oferece a afiliação, já que promove o sentido universal que representa ser chaver tnuá, e que muitas vezes esquecemos.

Com orgulho posso dizer, que o Beyajad está por fazer 2 anos e cinco meses de afiliação ao Hashomer Hatzair. Nesse tempo se tem dado passos importantes como são as hachsharot, algumas peguishot e o apoio de um sheliach. Creio que com o que foi acordado na última moatzá, se começa outra etapa, onde os projetos e idéias que saíram de nossas bocas, se convertem em compromissos. Por agora, um Kol Hashomer, um encontro entre bogrim em março e uma machané junta no próximo verão são boas oportunidades para concretar nossas metas. Assim que, Shomrim, pra frente com o que temos que fazer!



Desejamos agradecer a todos os que colaboraram na realização desta revista.

Os artigos que não foram publicados neste número aparecerão nas próximas edições.

Atte.

Kol Hashomer

Próximas atividades

Argentina

5 ao 12 de Janeiro

Machané



México

6, 7 e 8 de janeiro

Moatzá

15-18 de Abril del 2000

Encontro de bogrim da família shômrica”

17 de Junio del 2000

60 Aniversario de Hashomer Hatzair en México

Durante el 2000

30 Aniversario de Dor Jadash

Julio del 2000

Majane Familia Shomrica

Monterrey, México

6 al 8 de Enero

Moatza

Febreiro

Machané Anual



Venezuela

21,22 e 23 de Janeiro

Seminário Extreme, atividades “extremas” de contacto com a natureza.

2 ao 6 de Fevereiro

Pre-machon Continental



*Reporta tus actividades a
berner@iname.com*

“Somente os que não fazem nada nunca erram;
mas sua vida inteira é um erro.”

Anônimo

